



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

“NÃO TEM COMO APRESENTAR RAPIDINHO”:
UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DA CONSTRUÇÃO DE ADJETIVO ADVERBIAL
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Sara Martins Adelino

Rio de Janeiro

2019

SARA MARTINS ADELINO

“NÃO TEM COMO APRESENTAR RAPIDINHO”:
UMA ANÁLISE SEMÂNTICA DA CONSTRUÇÃO DE ADJETIVO ADVERBIAL NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras na habilitação Português/Italiano.

Orientador: Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

RIO DE JANEIRO

2019

CIP - Catalogação na Publicação

A228" Adelino, Sara Martins
"Não tem como apresentar rapidinho": uma análise
semântica da construção de adjetivo adverbial no
português brasileiro / Sara Martins Adelino. -- Rio
de Janeiro, 2019.
44 f.

Orientador: Diogo Pinheiro.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português -
Italiano, 2019.

1. Adjetivo Adverbial. 2. Semântica. 3. Teoria
dos Exemplos. 4. Gramática de Construções. I.
Pinheiro, Diogo, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente um agradecimento mais do que especial à minha família. Eu nem existiria se não fosse pelos meus pais, minha irmã e meus quatro gatos. Além disso, o maior dos obrigadas aos investimentos públicos (de alguns anos atrás) em diversas áreas da sociedade que me permitiram entrar em uma universidade pública e ter auxílios inimagináveis durante todos os anos.

Agradeço também às pessoas que foram meu suporte mesmo sem entender o que eu estava fazendo da vida. Marcella, Noella, Matheus, Bárbara, Bruna e Aline, eternamente obrigada por tudo e por serem as melhores cobaias linguísticas. Grata também a todos os professores e pessoas que encontrei nesses anos que me ajudaram a construir o lado acadêmico-profissional, mesmo que às vezes contra a minha vontade. Um obrigada especial às professoras Gisele Batista e Sonia Reis, e aos professores Fabiano Dalla Bona, Fabio Pesaresi e Carlos Sobral por apostarem altíssimo em mim e me darem as melhores ferramentas para seguir no italianismo. Agradeço também aos meus companheiros de graduação (Débora, Flavia, Roberta, Sophia, Thainá, Muniky, Dani, Julia e Jonathan) pelo apoio incondicional e fiel parceria em tudo.

Não poderia deixar de agradecer à equipe do CLAC (de 2017.2-2019.1) por permitir a melhor experiência e formação que uma bacharel poderia ter. Grata principalmente ao (Rei) Renato, Mídián, Natasha (e ao Pedro que não é do CLAC, mas tudo bem), Camila, Adriano, Felipe, Luna, Luana, Lohanna, Layza, Janaína, Neko, Pedro, Igor França, Clarice, Ana Leal, Tayná, Luiza, Marvin, Wellington, Ana Bia, Marcos, Victor, Amanda e Julia. Obrigada também aos monitores dos departamentos de neolatinas e linguística e filologia pelo companheirismo e conversas aleatórias, especificamente ao Marcelo.

Sou também grata ao D&G por serem sempre acolhedores e levarem a discussão funcionalista a outro nível, especialmente Juliana, Bia, Julia, Thiago e Ester. Além deles, agradeço intenso ao Rodrigo e Manuel por pesquisarem adjetivo adverbial e me proporcionarem discussões e ideias absurdas para esse projeto. Também dos AAs, um obrigada infinito à Raissa por ter aturado seis meses de surto, ser uma amiga incondicionalmente fiel e nunca me deixar esquecer do Princípio da Não Sinonímia (GOLDBERG, 1995). Definitivamente, 5% deste TCC é de vocês, AAs.

Agradeço imensamente ao LINC por me acolherem tão genialmente e por explicarem tudo didaticamente, até Langacker (se é que isso é possível). Mais aprofundadamente, obrigada ao Linquinho pelos memes, pelas brincadeiras e pelas discussões linguísticas de madrugada, especialmente ao Victor (ou Virgínio 2016/2018) por ter me emprestado esse objeto. Grata também às Winx (Brendha, Clara, Dayanne e Paula) por tornarem tudo mais leve e por serem as melhores irmãzinhas de pesquisa que eu poderia ter. Por fim e *sicuramente* mais importante, agradeço ao Diogo por não ter declaradamente desistido de mim nesses anos e por ser o melhor orientador que eu poderia encontrar nesse lado do universo. Obrigada, Diogo! Devo toda a minha microscópica vida acadêmica a você.

Desculpo-me a quem leu tudo/chegou até aqui por ter que ler 9 diferentes formas de “agradec-” (contando com essa última), 8 de “obrigada” (se prepara que tem mais um) e 5 de “grata”. Eu juro que no corpo do TCC escolhemos mais sinônimos. E no caso de eu ter esquecido de alguém: obrigada e desculpa pela memória!

“A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo mas é claro, certo?”

Luis Fernando Veríssimo

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	8
LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES	9
1 INTRODUÇÃO	10
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	16
2.1 Gramática de Construções	16
2.2 Gramática de Construções Baseada no Uso	18
2.3 Teoria dos Exemplares	20
3 METODOLOGIA	22
3.1 Composição da amostra	22
3.2 Procedimento de análise de dados	24
4 ANÁLISE DE DADOS	26
4.1 Representação por clusters de exemplares	26
4.2 Um exemplo: o cluster RAPIDEZ	27
4.3 Um problema	32
4 CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICE	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação da Rede Construcional de acordo com a hipótese geral	14
Figura 2 - Recorte taxonômico da Construção de Adjetivo Adverbial	17
Figura 3 - Exemplo não linguístico de como o uso afeta a arquitetura de armazenamento	19
Figura 4 - Rede construcional de V + Adjetivo Adverbial	26
Figura 5 - Representação por cluster de sequências de rapidez pela velocidade	29
Figura 6 - Representação por cluster de sequências de rapidez por imediatismo	29
Figura 7 - Representação por cluster das sequências de rapidez	30
Figura 8 - Representação hierárquica da família de construções de adjetivo adverbial de RAPIDEZ	31

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

AA - adjetivo adverbial

AC - advérbio canônico

CAA - Construção de Adjetivo Adverbial

CAC - Construção de Advérbio Canônico

GCBU - Gramática de Construções Baseada no Uso

GC - Gramática de Construções

PB - português brasileiro

V - verbo

1 INTRODUÇÃO

No português brasileiro contemporâneo, há pelo menos quatro tipos de modificadores verbais: advérbio na forma de adjetivo (“fala rápido”); advérbio com sufixo “-mente” (“fala rapidamente”); sintagma introduzido por preposição (“fala com rapidez”); e verbo na forma de gerúndio (“fala correndo”). Em particular, os dois primeiros parecem particularmente enigmáticos, na medida em que se mostram intercambiáveis em diversos contextos, mas não em todos. Com efeito, algumas sentenças são aceitáveis e gramaticais apenas quando o modificador é um adjetivo adverbial (AA); outras apenas quando o modificador é um advérbio com sufixo “-mente” (aqui chamado de advérbio canônico, ou AC); e algumas até são possíveis com os dois tipos de modificadores, porém não são semanticamente equivalentes. Todas essas situações podem ser vistas nos exemplos abaixo:

(1a) Era divertido porque aprendíamos as coisas rápido.

(1b) Era divertido porque aprendíamos as coisas rapidamente. (Corpus Museu da Pessoa)

(2a) [...] aqueles que tendiam fácil para o fanatismo [...].

(2b) [...] aqueles que tendiam facilmente para o fanatismo [...]. (Corpus Brasileiro)

(3a) Cortei bonito. (Corpus C-Oral Brasil)

(3b) *Cortei bonitamente.

(4a) *Uma coleta de dados para observar experimental o efeito de uma intervenção pedagógica [...].

(4b) Uma coleta de dados para observar experimentalmente o efeito de uma intervenção pedagógica [...]. (Corpus Brasileiro)

(5a) [...] como se verá mais adiante se relaciona direto com o tribunal [...].

(5b) [...] como se verá mais adiante se relaciona diretamente com o tribunal [...].
(Corpus Brasileiro)

Nos exemplos (1) e (2), apresentam-se pares de sentenças nas quais o uso tanto de adjetivo adverbial quanto de advérbio em “-mente” não parece causar mudanças de sentido na cena. No entanto, os exemplos (3a) e (3b) mostram um caso no qual apenas a forma adjetival é possível, então VERBO + BONITO pode ser produzido de acordo com o conhecimento do falante, porém VERBO + BONITAMENTE não. Já (4a) e (4b) expõem que “experimentalmente” é aceitável como modificador verbal, enquanto “experimental” não. Por fim, “direto” e “diretamente” são igualmente possíveis como advérbios, mas eles não descrevem a mesma cena; isto é, enquanto, em (5a), o AA pode dar a ideia tanto de retilinearidade quanto de continuidade (a relação com o tribunal se dá sem intermediários ou de modo contínuo), em (5b), apenas a leitura de retilinearidade é possível (há uma relação sem intermediários com o tribunal).

Em suma, essas estruturas adverbiais evidenciam quatro possibilidades que apontam para uma complexidade nas relações entre AA e AC. Primeiro, existem sequências nas quais apenas o AA é possível. Segundo, há aquelas nas quais apenas o AC é possível. Terceiro, existem os casos nos quais o AA e o AC produzem interpretações distintas, criando cenários diversos. Quarto, há aqueles nos quais os dois tipos são aparentemente intercambiáveis, no sentido de que as sentenças descrevem o mesmo estado/evento.

Diversos pesquisadores têm tentado esclarecer as diferenças e afinidades entre esses dois tipos de advérbios, tanto sincronicamente quanto diacronicamente¹, seja no português brasileiro (PB), seja em línguas estrangeiras². Muitas análises formalistas e funcionalistas têm contribuído para desvendar os modificadores verbais, dentre elas a de Hummel (2002, 2003, 2013a, 2013b), que pioneiramente identificou uma predominância de verbos intransitivos com adjetivos adverbiais, uma alta frequência dessa construção em posição fixa, isto é, com o AA logo após o verbo, e uma presença forte em contextos de informalidade, principalmente no registro oral. O autor também sinaliza que a proximidade do verbo com o adjetivo adverbial indica uma fixação dessa estrutura que facilitaria usos metafóricos com AAs.

A mesma característica intransitiva e a expressividade do verbo com o AA sem elementos intervenientes são encontradas por Foltran (2010) e Barbosa (2006). Em específico, esta última autora agrega a não correspondência semântica entre o AC e o AA. Também propõe que há uma prevalência de verbos materiais com as AAs, mesmo existindo uma maior

1 cf. Hummel (2013a, 2013b), Moraes Pinto (2008) e Campos (2013).

2 cf. Hummel (2003) para línguas românicas e Santos (2018) para o inglês.

diversidade/variedade de verbos nessas construções do que de itens adverbiais; e, além da informalidade, acrescenta os fatores idade e do grau de escolaridade como indicadores de maior ou menor uso dessa estratégia de modificação verbal.

Já Lobato (2008) analisa essa estrutura não como constituída por Verbo + Adjetivo Adverbial, mas sim como um padrão Verbo + Adjetivo. O motivo para essa escolha é o fato de que o modificador predicaria o caráter nominal do verbo e não o seu caráter verbal, como comumente fazem os advérbios. Por exemplo, para “falar alto”, a autora propõe que o adjetivo está ligado a “voz” (propriedade nominal do verbo “falar”) e não à ação em si, o que explicaria por que “falar altamente” não é possível.

Essas propostas não esgotam as investigações desse objeto. No entanto, isso não quer dizer que não sejam válidas. Na verdade, contribuíram fortemente para pesquisas posteriores, como as de Virgínio (2016, 2018) e Campos (2019), que, através de análise de *corpora* e experimento (no caso do trabalho do primeiro autor), comprovaram a predominância do [Verbo + AA] sem elementos intervenientes, assim como a expressividade de verbos intransitivos com AAs, além de terem colaborado descobrindo que o padrão com AA é mais aceitável quando possui foco exclusivo, enquanto o esquema com AC aparece em sentenças com foco não exclusivo. Para além disso, Campos (2019) também propõe que diferentes tipos de verbos vão ser licenciados para cada adjetivo adverbial, como atividade verbal para “alto”, corpóreo para “forte” e perceptivo para “claro”.

O mesmo comprova Tiradentes (2018), em trabalho de orientação funcionalista sobre adjetivos adverbiais. O autor, contudo, vai além, investigando a semântica dos AAs e dos verbos e reforçando, assim como Barbosa (2006), que a classe semântica mais frequente para o verbo é a de material. O autor foi adiante nas análises propondo que os AAs aparentemente não apresentam correspondência semântica com o verbo. Isso não quer dizer que eles sejam ilimitadamente variados entre si. Como mostra Tiradentes, os adjetivos se encaixam em cinco tipos semânticos (modalizador epistêmico, qualificador polar, qualificador graduador, qualificador aspectualizador e quantificador aspectualizador) e seus itens altamente frequentes licenciariam novos usos com particularidades semelhantes a ambos os padrões.

Como se observa, a maioria das pesquisas relatadas até aqui – exceção feita apenas a Barbosa (2006) e Tiradentes (2018) – se dedicam a desenvolver uma comparação entre AAs e ACs. Esta é também a motivação original do projeto que deu origem a este trabalho e o foco do projeto de pesquisa mais amplo do qual este estudo constitui uma etapa. Especificamente,

esse projeto se propõe a investigar uma hipótese específica acerca da relação entre AAs e ACs: a de que os primeiros, diferentemente dos segundos, restringiriam-se a um conjunto limitado de classes semânticas. Em outras palavras, segundo essa hipótese, ACs podem expressar uma ampla gama de significados associados à ideia de modo, ao passo que AAs ficariam circunscritos a um leque relativamente reduzido de sentidos.

Nesta monografia, porém, focalizamos unicamente os adjetivos adverbiais, especificamente os que indicavam semântica de rapidez, como será explicado no capítulo de Análise de Dados. Isto é, começamos a verificação da hipótese acima buscando descrever a organização dos adjetivos adverbiais do português brasileiro. Isso, evidentemente, não permite que a hipótese seja avaliada, já que esta pressupõe uma comparação entre os dois tipos de modificadores verbais. Assim, nossa expectativa é a de que, no futuro, o mesmo tipo de análise desenvolvido aqui para os AAs possa ser estendido aos ACs, a fim de permitir então um estudo comparativo.

Assim como Barbosa (2006), Tiradentes (2018) e Campos (2019), este trabalho também se volta, especificamente, para uma investigação dos fatores semânticos que interferem na organização e representação dos AAs no português brasileiro. Ao mesmo tempo, procuramos dar um passo além: enquanto aqueles estudos são predominantemente voltados ou para a semântica do adjetivo adverbial ou para a semântica do verbo, esta monografia busca analisar o esquema verbo + AA de forma integrada, isto é, tomando a totalidade da sequência como unidade primária de análise. Em outras palavras, em vez de partirmos de possíveis classes semânticas determinadas previamente para itens verbais ou modificadores, partiremos do significado de sequências específicas (por exemplo, “jogar fácil”, “cantar bonito”), buscando avaliar de que maneira verbo e modificador interagem na determinação da semântica da expressão concreta.

Para nossa análise, recorreremos ao arcabouço teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso (DIESSEL, 2015; GOLDBERG, 2006; 2013; BYBEE, 2010; 2013), conjugado à Teoria dos Exemplos (BYBEE, 2005; BYBEE; EDDINGTON, 2006). Nesse sentido, assumimos que sequências como “jogar fácil”, “cantar bonito”, etc., instanciam uma construção gramatical abstrata, com a forma Verbo + Adjetivo Adverbial, à qual iremos nos referir como Construção de Adjetivo Adverbial (CAA)³. Da mesma maneira, sequências como

³ O conceito de construção gramatical será apresentado no capítulo 2, intitulado Pressupostos Teóricos.

“andar rapidamente” e “falar lindamente” instanciam a construção abstrata referida como Construção de Advérbio Canônico (CAC).

Dada a adoção da Gramática de Construções Baseada no Uso, partimos do princípio de que a CAA e CAC integram uma rede estruturada de construções gramaticais (ver seção 2.1), que pode ser informalmente representada assim:

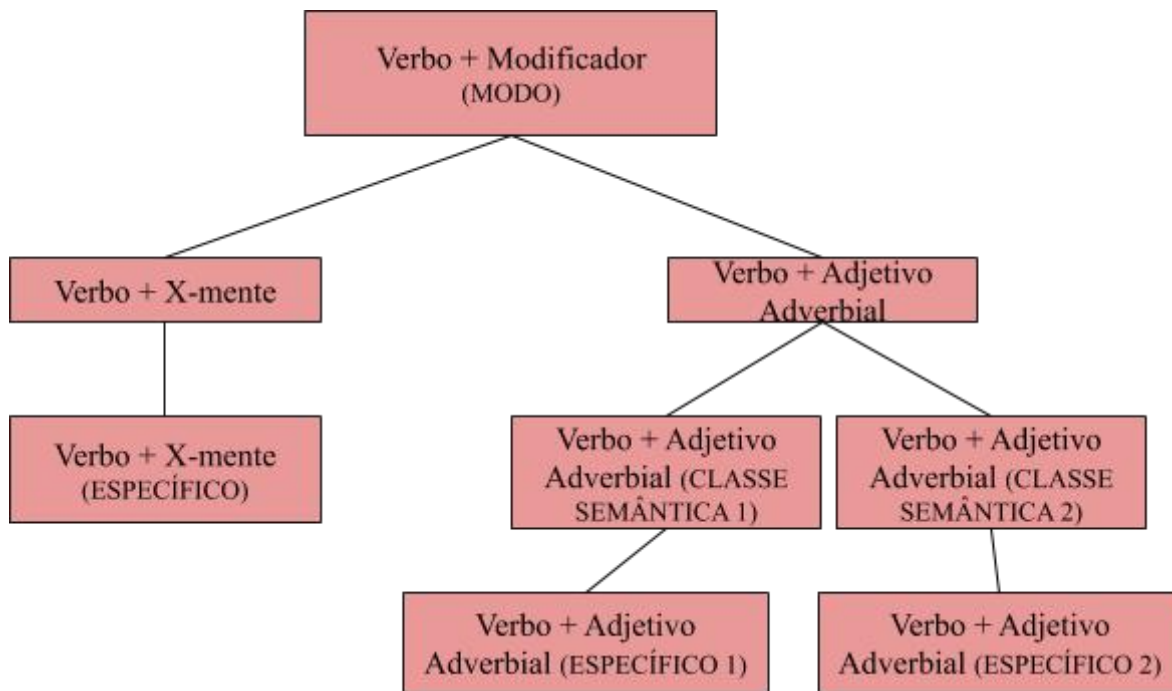


Figura 1: Representação da Rede Construcional de acordo com a hipótese geral

No nível mais alto da rede acima está a construção mais abstrata, que é Verbo + Modificador, sendo o modificador de modo, assim como os modificadores das construções menos abstratas. No nível abaixo estão a CAC (Verbo + Advérbio Canônico) e a CAA (Verbo + Adjetivo Adverbial), e nesse nível ainda não há diferenças semânticas gerais. Abaixo da CAA o nível intermediário apresenta-se como o responsável por capturar, em termos construcionistas, as restrições semânticas às quais, segundo nossa hipótese mais geral, estariam submetidos os adjetivos adverbiais; assim, nesse nível, cada subconstrução (ou meconstrução) corresponde a uma classe semântica possível para AAs. Por fim, mais abaixo estão as construções com adjetivos adverbiais concretos, como V + ADJETIVO ADVERBIAL (sendo esse AA um item específico) e V + ADJETIVO ADVERBIAL (também um item específico). Percebe-se que abaixo da CAC não há o penúltimo nível, referente às classes semânticas; dessa maneira, a CAC fica diretamente interligada à

construção com advérbio canônico concreto (“Verbo + X-mente”, sendo esse advérbio um item específico).

Como já dissemos, porém, este trabalho não investiga a CAC – nosso foco recai unicamente sobre a CAA. Isso porque, para tentar comprovar ou refutar a hipótese geral apresentada acima, é necessário, inicialmente, encontrar as classes semânticas dos adjetivos adverbiais, isto é, as classes que estariam representadas no segundo nível da rede (em uma leitura de baixo para cima). Diante disso, o objetivo deste estudo específico é o de descrever a CAA quanto às suas particularidades semânticas, sendo a descrição da CAC um movimento posterior. Nesta monografia, portanto, buscaremos responder especificamente às seguintes perguntas: qual é e como deve ser representado construcionalmente o conhecimento semântico que o falante do PB tem acerca da Construção de Adjetivo Adverbial?

A arquitetura apresentada na Figura 1, a lógica das hipóteses e as abordagens teóricas adotadas serão mais bem explicadas no capítulo seguinte (2. Pressupostos teóricos). Em seguida, apresentamos, na sequência, os procedimentos metodológicos empregados (3. Metodologia), as análises e os resultados obtidos nesta pesquisa (4. Análise de dados) e a síntese nas nossas contribuições bem como os próximos passos da pesquisa (5. Considerações finais).

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Com o fim de descrever a Construção de Adjetivo Adverbial e caminhar para a verificação da nossa hipótese mais geral, será utilizada como abordagem teórica a Gramática de Construções (GC), a ser apresentada em 2.1, mais especificamente seguindo a vertente funcional-cognitiva baseada no uso (2.2). Além disso, será recrutada a Teoria dos Exemplos (2.3), cuja compreensão é necessária para acompanhar as escolhas e as descrições feitas em relação ao objeto deste trabalho.

2.1 Gramática de Construções

O modelo da Gramática de Construções surgiu nos anos de 1980, na Universidade da Califórnia, Berkeley, através dos trabalhos de Charles Fillmore, Paul Kay e George Lakoff (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988; LAKOFF, 1987; FILLMORE, 1985), que se contrapõem à arquitetura gramatical defendida pela teoria gerativista (EVANS; GREEN, 2006; CROFT; CRUSE, 2004). Essa arquitetura, também chamada modelo dicionário-gramática (HILPERT, 2014), defende que o conhecimento linguístico é composto por um inventário de itens (léxico) e um complexo de regras derivacionais⁴ (gramática) que regem a organização dessas unidades. Essa premissa dificulta a descrição e análise de padrões linguísticos que são simultaneamente idiomáticos e produtivos, porque esses esquemas não se conformam facilmente ao léxico (por causa da produtividade) nem à gramática (por causa da idiosincrasia). Esse argumento primordial foi apresentado e descrito na literatura construcionista através da análise de padrões sintáticos simultaneamente produtivos e idiomáticos, como *let alone* (FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988), *What's X Doing Y?* (FILLMORE; KAY, 1999) e a *Mad Magazine Construction*⁵ (LAMBRECHT, 1990).

A partir do estudo de padrões como estes, surgiu o conceito de *construção gramatical*, que é definido como um pareamento de forma (propriedades fonológicas, morfossintáticas e/ou prosódicas) e significado/função (propriedades semânticas, pragmáticas e/ou

⁴ Grosso modo, as regras derivacionais regem unidades com determinadas estruturas de constituintes para que se transformem nas sequências derivadas que, a cada transformação, se aproximam daquelas produzidas pelos falantes (CHOMSKY, 2015; GUIMARÃES, 2017).

⁵ A *Mad Magazine Construction* é uma construção do inglês que aparece, por exemplo, em “What, me worry?” (algo correspondente à “Eu? Preocupado?” no português brasileiro) e “My boss give me a raise?!” (algo correspondente à “Meu chefe me dar um aumento?!” no português brasileiro) (cf. LAMBRECHT, 1990).

discursivas). Importante frisar que, no âmbito da GC, o termo “construção gramatical” não deve ser confundido com o termo já adotado pelo modelo dicionário-gramática (GOLDBERG, 2006) e muito menos com a maneira como essa expressão é empregada em gramáticas tradicionais.

A GC tem como princípio básico a descrição total do conhecimento linguístico do falante a partir de construções gramaticais, isto é, assume-se que a língua não é dividida em estruturas de superfície e/ou profundas⁶ ou primordiais e/ou secundárias, sendo a arquitetura linguística constituída por “construção de cima abaixo” (“constructions all the way down”; GOLDBERG, 2013). Ainda mais importante, não há uma divisão em inventário de itens e sistema computacional, mas sim uma rede altamente estruturada de construções (que será melhor explicada em 2.2). No entanto, a GC compactua com o Gerativismo quanto à pressuposição de que as línguas naturais devem ser analisadas a partir da cognição (se contrapondo, então, ao Estruturalismo), quanto à existência e centralidade da criatividade linguística do falante e quanto à necessidade de uma teoria não trivial para descrever o aprendizado da língua (GOLDBERG, 2002). Também não se deve pressupor que, pelo fato de o modelo não incluir regras derivacionais, o inventário de construções é desestruturado.

Em relação a este último ponto, é preciso explicitar que, para a GC, as construções gramaticais se apresentam em forma de uma *rede de unidades simbólicas interconectadas taxonomicamente*. Isso significa que existem padrões mais preenchidos, como “falar rápido” e “pensar grande”, e padrões menos preenchidos, como VERBO + ADJETIVO ADVERBIAL, que, em uma representação diagramática, serão posicionados acima daqueles. Logo, essa arquitetura pressupõe que as construções mais abaixo são subtipos das construções mais abstratas (DIESSEL, 2015), como apresenta a Figura 2:

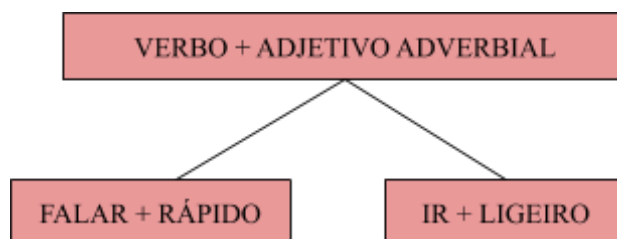


Figura 2: Recorte taxonômico da Construção de Adjetivo Adverbial.

⁶ O gerativismo tem como arquitetura da língua uma representação que separa para o âmbito profundo o léxico e a sintaxe, e para o superficial a semântica e a pragmática que são vistas como partes não sistemáticas e derivadas da profunda (CHOMSKY, 2015).

Construções que possuem o mesmo grau de abstração tendem a participar do mesmo nível na rede construcional, como FALAR + RÁPIDO e IR + LIGEIRO na figura acima, enquanto construções que são subtipos de outras estão em planos distintos, como FALAR + RÁPIDO e VERBO + ADJETIVO ADVERBIAL (DIESEL, 2015). A justificativa para esse tipo de organização do conhecimento construcional varia de acordo com a versão da Gramática de Construções que se está considerando. Para a vertente adotada neste trabalho – a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), de orientação funcional-cognitiva – essa justificativa está relacionada à cognição geral, isto é, não linguística. É isso que veremos na próxima seção.

2.2 Gramática de Construções Baseada no Uso

A GCBU defende que, assim como determinadas habilidades cognitivas regem diversas áreas da cognição, o mesmo acontecerá com o conhecimento linguístico e a sua arquitetura. Nesse sentido, a premissa é a de que não existe um módulo específico da linguagem. É a partir desses processos cognitivos globais que o conhecimento linguístico vai ser construído, estruturado, estocado e acessado (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2010). Essas habilidades cognitivas gerais são, pelo menos, categorização, *chunking*, memória rica, analogia e associação transmodal (BYBEE, 2010).

A categorização é o fenômeno por meio do qual os padrões construcionais, através de semelhança e identificação com construções já presentes no conhecimento linguístico do falante, são construídos e armazenados, resultando em uma rede construcional interconectada taxonomicamente. Já o *chunking* é o processo que descreve a estocagem de elementos que comumente ocorrem juntos, formando estruturas mais complexas que acabam sendo acessadas como uma única construção, como “Bom dia” e “dar certo”.

A memória rica é um conceito que descreve a memorização de detalhes da experiência com auxílio da categorização, como detalhes fonéticos e contextos de uso específicos. Já a associação transmodal possibilita o link entre forma e significado/função sem intermeios, porque vai levar à emergência de uma relação entre elementos não necessariamente interligados, possibilitando que o falante associe uma forma (fonética, se for uma língua oral; gestual, se for uma língua sinalizada) a um significado/contexto de uso. Por fim, a analogia

consiste na criação de um novo item a partir de elementos previamente armazenados. Todos esses processos globais são inter-relacionados e também levam à não-binariedade, isto é, o conhecimento linguístico do falante acaba por ser um *continuum* criado por construções experienciadas, associadas e estocadas na rede construcional.

É a partir das habilidades cognitivas gerais que cada padrão vai ser criado e estocado. Para esclarecer, basta imaginar, por exemplo, a categorização de animais, como cachorro, gato, girafa e elefante. É natural que se coloque em um mesmo grupo um labrador, um pinscher e um husky siberiano (exemplares mais específicos) em decorrência das semelhanças que permitem que todos sejam identificados como cachorros (exemplares menos específicos), assim como, mais genericamente, é intuitivo agrupar conceitualmente o grupo de ‘cachorros’ com o de ‘gatos’ por ambos serem categorizados como animais domésticos (exemplares genéricos), enquanto, em contraponto, girafa e elefante são agrupados como animais selvagens (também exemplares genéricos). Mais abstratamente, animais domésticos e animais selvagens estão sob o domínio de animais (exemplares mais genéricos), em oposição, por exemplo, a plantas, como ilustrado na Figura 3.

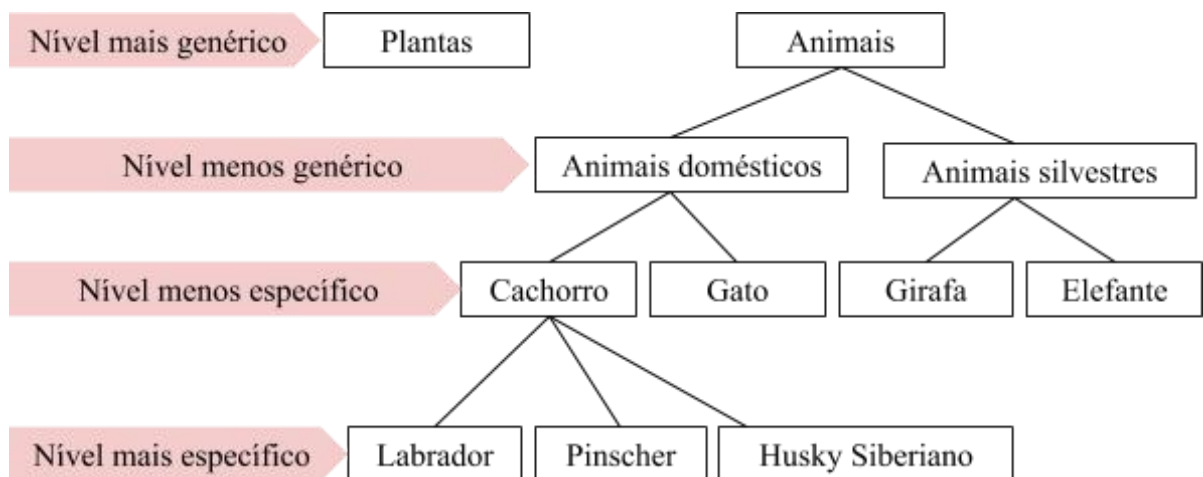


Figura 3: Exemplo não linguístico de como o uso afeta a arquitetura de armazenamento.

Além dos processos cognitivos de domínio geral, a experiência concreta – isto é, o uso linguístico – também tem, para a GCBU, papel fundamental na organização do conhecimento linguístico, em especial no que diz respeito ao grau de saliência cognitiva dos elementos. Assim, quanto mais frequente é o item em oposição aos outros exemplares armazenados, mais central e mais facilmente acessado ele é (o que mostra a relevância da frequência de

ocorrência); já quanto maior o número de itens que um determinado padrão possui, mais genérico ele tende a ser (o que mostra a relevância da frequência de tipo) (BYBEE, 2010).

O que isso quer dizer? Se um gato siamês é o exemplar da categoria de gato mais experienciado, então ele será o mais facilmente acessado e mais central na categorização; por outro lado, quanto maior a quantidade de tipos de gatos estocados, mais abrangente será a categoria de gatos, sendo, provavelmente, o grupo mais facilmente acessado e mais central na categoria de animais domésticos se os outros grupos forem menores tanto em relação à frequência de tipo quanto em relação à frequência de ocorrência. A alta frequência da categoria não só aumenta as chances de uso da construção, mas também licencia com mais facilidade usos criativos por semelhança com os elementos altamente frequentes (BYBEE, 2005; 2013).

2.3 Teoria dos Exemplares

Oriunda da psicologia cognitiva, esta teoria propõe um modelo de percepção e categorização mental. Na linguística, mais especificamente nos estudos de sons da fala, Johnson (1996) e Pierrehumbert (2001) explicam que, na Teoria dos Exemplares, padrões são estocados e percebidos a partir de proximidade e identidade, levando em consideração, na representação mental, o contexto no qual aparecem os elementos e a frequência de experiência desses itens. Isso significa que os esquemas vão ser estocados por semelhança e igualdade a partir de exemplares já do conhecimento do falante, formando nuvens ou aglomerações (*clusters*) de exemplares, que são mais densas quando possuem uma grande quantidade de exemplares e mais ativas quando os itens são altamente frequentes.

Segundo esse modelo, cada evento de experiência concreta irá alterar a representação subjacente, seja reforçando um exemplar pré-existente, seja acrescentando um novo exemplar ao *cluster*. No primeiro caso, quando há contato com um dado novo e distinto dos já experienciados, ocorre uma recategorização. No segundo caso, a experiência com uma ocorrência concreta idêntica a um exemplar já armazenado não leva a uma reestruturação, mas sim a um reforço da representação desse exemplar. Isso é esclarecido pelos exemplos com animais da seção 2.2. Assim, o grau de fixação de um padrão na mente do falante (o que é chamado na literatura de enraizamento – em inglês, “*entrenchment*”) e a alta frequência de padrões licenciam o uso criativo de esquemas muito semelhantes em contextos que até então

eram restritos à construção altamente frequente (BYBEE, 2005; 2013; BYBEE; EDDINGTON, 2006).

Os exemplares formam aglomerações de elementos que compartilham traços em comum tanto formalmente quanto semanticamente/funcionalmente. Essas nuvens se organizam por níveis; logo, cada “andar” do conhecimento do falante vai apresentar esses *clusters*, sendo os mais altos o resultado de um processo de categorização baseada na semelhança existente entre os elementos dos níveis mais baixos. Como as construções/camadas mais abstratas emergem desses exemplares mais concretos⁷, a teoria, do mesmo modo que a GCBU propõe, aponta para um conhecimento linguístico completamente interligado.

Assim como a GCBU, essa teoria também se baseia em processos cognitivos de domínio geral que regulam a arquitetura de uma rede de elementos memorizados individualmente, junto com as frequências de tipo e de ocorrência. Apesar desse modelo ter surgido em um contexto distinto da GC(BU), é perceptível que apresentam afinidades significativas. De fato, o que a Teoria dos Exemplares propõe está fortemente inserido nos pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso, sendo a divisão neste trabalho apenas para ressaltar a relevância desse aspecto da GCBU – isto é, o modelo de exemplares – para toda a pesquisa desenvolvida.

⁷ Termo da GCBU para sequência bruta, concreta, sem abstrações, isto é, “Fala alto” ao invés de “FALAR + ALTO”, “V + ALTO” ou “FALAR + ADJETIVO ADVERBIAL”.

3 METODOLOGIA

Este capítulo se propõe a apresentar os procedimentos metodológicos empregados nesta pesquisa. Com o intuito de descrever e de identificar o funcionamento da Construção de Adjetivo Adverbial (CAA) em contraponto à Construção de Advérbio Canônico (CAC), este trabalho se voltou à coleta de dados em *corpora*, que será explicada em 3.1, seguida de uma análise qualitativo-interpretativa desses dados, conforme explicado em 3.2.

3.1 Composição da amostra

Para este estudo, foram utilizados quatro *corpora* eletrônicos anotados do projeto AC/DC (Acesso a corpos / Disponibilização de corpos) do repositório Linguatca (<https://www.linguatca.pt/>): AmostRA-NILC, Corpus Brasileiro, C-Oral Brasil e o Museu da Pessoa. O primeiro contempla 105 mil palavras de textos escritos das esferas didática, jornalística e literária do português brasileiro; o segundo abrange 992.5 milhões de palavras de textos do PB de diversos gêneros, tanto orais quanto escritos; o terceiro abarca 261 mil palavras do PB em fala espontânea; e, por fim, o quarto engloba 1.4 milhões de palavras do PB e do PE (português europeu) em entrevistas, mas, como será detalhado mais à frente, os dados de outras línguas e dialetos foram descartados já que esta pesquisa se volta apenas para o português brasileiro.

O repositório, o projeto e os *corpora* foram escolhidos em virtude da dimensão, ainda que limitem os resultados a cinco mil dados quando a busca resulta em uma quantidade de ocorrências maior que esse número, e também pelo tipo de anotação, que permite restringir a busca através de comandos gramaticais, tanto em relação à ordem quanto em relação à categoria, como [pos="V"] [word="rápido"], e não apenas a palavras específicas. Tendo em vista essas possibilidades, para a coleta de instâncias da CAA⁸, foram utilizados dois comandos: [pos="V"] [pos="ADJ"] (comando 1) e [pos="V"] [pos="ADV"] (comando 2), isto é, verbos seguidos de advérbios e verbos seguidos de adjetivos. Isso se mostrou necessário porque, infelizmente, nesses *corpora*, não existe uma notação para adjetivos adverbiais, então visou-se contemplar as duas possíveis classes por meio das quais essa construção poderia ser encontrada. Outra questão relativa à estruturação dos comandos diz

⁸ Também foi feita uma coleta para a CAC (comando ".*mente" no Corpus Brasileiro e no Corpo do Museu da Pessoa, isto é, qualquer palavra com a parte final em "mente"). No entanto, como dito na Introdução, este trabalho visou descrever a CAA, logo essa coleta dos advérbios canônicos ainda não foi analisada.

respeito ao fato de que eles não incluem a possibilidade de elementos entre o verbo e o advérbio/adjetivo. Embora isso possa, à primeira vista, parecer problemático, pesquisas anteriores (VIRGÍNIO, 2016; 2018) mostram uma predominância da CAA sem elementos intervenientes. Diante disso, e considerando-se o quão abrangentes são os resultados e o limite bastante elevado de 5000 dados dos *corpora*, pareceu-nos mais produtiva uma busca que excluísse essas ocorrências, ainda que tenhamos claras essa escolha e suas consequências.

Além dos comandos, foram consideradas algumas restrições colocadas em prática manualmente durante a coleta. Foram descartadas ocorrências em línguas e dialetos estrangeiros, como inglês, italiano, português europeu e espanhol, porque esta pesquisa se restringe ao PB. Também foram desconsiderados advérbios que não estivessem modificando apenas os seus verbos correspondentes (por exemplo, aqueles que se relacionam a sentenças como um todo) porque modificadores ligados a verbos e modificadores ligados a outros elementos da sentença podem apresentar restrições sintáticas (e possivelmente funcionais) distintas. Não se contemplaram as CAAs com verbos nas formas de gerúndio, particípio e infinitivo por causa do seu caráter nominal, que poderia permitir a leitura e a aproximação construcional entre adjetivos e adjetivos adverbiais. Coerentemente com essa opção, os casos de ambiguidade estrutural – em que a forma adjetival poderia ser lida tanto como advérbio quanto como adjetivo – também não foram incluídos, porque não seria possível ter certeza da interpretação pretendida pelo falante. Por fim, também não foram incluídas as construções com interpretação opaca, como “dar certo”, já que se constituem em blocos com forma e significado não composicionais⁹, logo com particularidades formais e funcionais distintas das construções mais abstratas.

Após todos esses filtros, para a Construção de Adjetivo Adverbial, obtiveram-se 25 ocorrências da amostra aleatória de 5000 dados no Corpus Brasileiro (comando 1)¹⁰, 5 de 561 (comando 1) e 4 de 704 (comando 2) no AmostRA-NILC, 57 de 3742 (comando 1) e 16 de 3205 (comando 2) no Corpo do Museu da Pessoa, 45 de 1577 (comando 1) e 40 de 3923 (comando 2) no Corpo C-Oral-Brasil, totalizando 29 itens distribuídos em 192 dados dos

⁹ A composicionalidade diz sobre o grau de previsibilidade do significado de um todo (nesse exemplo, “dar certo”) a partir das suas partes (“dar” e “certo”) (BYBEE, 2010)

¹⁰ Importante esclarecer que o comando 2 não foi utilizado no Corpus Brasileiro porque aparentemente existia alguma falha no sistema que não mostrava nenhum dado que seguisse essa restrição sintática, simplesmente a parte de dados ficava em branco sem indicar qualquer número.

18712 retornados na soma de todas as consultas.¹¹ As tabelas com os exemplares de adjetivos adverbiais podem ser encontradas no Apêndice.

Para este trabalho, por limitações de tempo e de espaço, selecionamos apenas os dados que contivessem sequências associadas ao campo semântico de velocidade: V + RÁPIDO, V + DEVAGAR, V + LIGEIRO e V + URGENTE. Esse recorte permite ilustrar um caminho metodológico possível para uma representação construcionista baseada em exemplares dos adjetivos adverbiais do PB, bem como iniciar o processo de mapeamento de uma rede construcional capaz de capturar o conhecimento do falante acerca desses modificadores.

3.2 Procedimento de análise de dados

Após a coleta de dados, a pergunta inicial é: como ler essas ocorrências e analisá-las semanticamente de modo a obter uma representação construcional baseada em exemplares do conhecimento do falante acerca dos adjetivos adverbiais? Nesse primeiro momento, o trabalho requer uma análise que leve em consideração as particularidades semânticas de cada dado e suas convergências e divergências semânticas em comparação com os demais dados.

Para isso, assumimos que cada item obtido na coleta de dados – isto é, cada sequência formada por um verbo específico mais um AA específico – se constitui como um exemplar. A partir daí, procedemos a uma análise qualitativo-interpretativa dos dados correspondentes a cada exemplar, com base em nossa intuição de falantes, a fim de propor agrupamentos de exemplares em função da maior ou menor afinidade semântica. Obviamente, esse é apenas o primeiro passo para a confirmação (ou não) da hipótese que motivou originalmente o estudo. Novos estudos poderão ser desenvolvidos tanto para ampliar a quantidade de exemplares analisados quanto para verificar empiricamente a realidade psicológica das categorias propostas. Estes não são, porém, o foco deste trabalho.

Como explicado anteriormente, as análises, as representações e discussões no capítulo seguinte se restringem à descrição de uma pequena porção do conhecimento do falante sobre a CAA, por mais que tenhamos realizado a coleta de todos os dados da CAC. Importante informar que, na representação, os exemplares mais frequentes na nossa coleta aparecem com cores mais fortes, enquanto as menos frequentes são apresentados com cores mais claras. Para

¹¹ Curiosamente, 67,3469387755%, isto é, 130 dos AAs foram encontrados pelo comando [pos="V"] [pos="ADJ"], restando apenas 32,6530612245%, isto é, 62 pelo comando [pos="V"] [pos="ADV"], indicando uma anotação predominante desses AAs como adjetivo.

ilustrar e enriquecer a representação, inserimos sequências que, embora não tenham aparecido na coleta dados, reconhecemos como possíveis com base em nossa intuição de falantes nativos. Essas sequências serão representadas em degradê e com círculo pontilhado. Além disso, seguindo a notação já consagrada pela Teoria dos Exemplares, a afinidade entre elementos é metaforicamente representada pela proximidade espacial.

4 ANÁLISE DE DADOS

Com o objetivo de descrever uma parcela do conhecimento do falante do PB acerca da Construção de Adjetivo Adverbial, passamos agora para a análise dos dados obtidos. O princípio geral que guiou a análise será explicado em 4.1. Já em 4.2, serão detalhadas as particularidades semânticas dos esquemas V + RÁPIDO, V + DEVAGAR, V + URGENTE e V + LIGEIRO; por fim, 4.3 se propõe a discutir questões que esta análise não respondeu.

4.1 Representação por *clusters* de exemplares

A adoção da Teoria dos Exemplos (2.3) auxiliou na determinação de qual nível da rede construcional seria o mais adequado para encontrar ou não as classes semânticas a que faz referência a hipótese mais geral do projeto em que este trabalho se insere. O fato de que a teoria é emergentista implica que a identificação das classes semânticas presentes no terceiro nível da figura abaixo deve partir das construções mais concretas, isto é, aquelas que estão mais abaixo na figura.

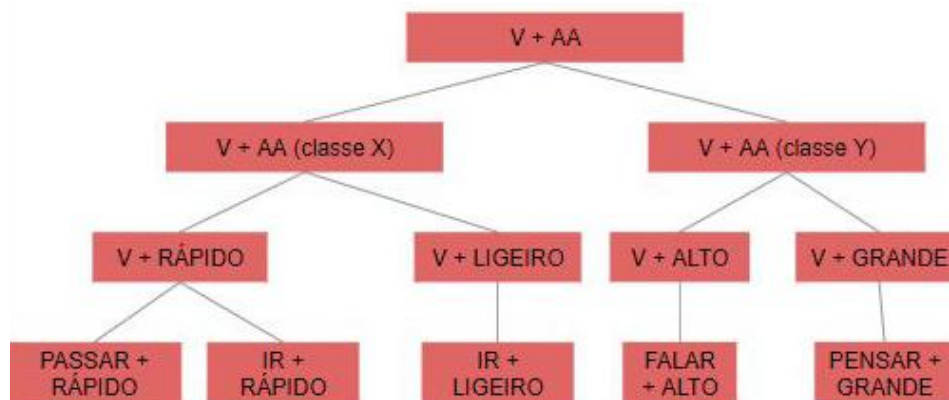


Figura 4: Rede construcional de V + Adjetivo Adverbial

Como explicado em 2.3, é a partir da categorização dos exemplares que vão emergir as construções mais abstratas. Por esta razão, este trabalho se voltou para o nível exemplificado por Passar + Rápido, Ir + Ligeiro, Falar + Alto e Pensar + Grande na Figura 4 para encontrar as particularidades semânticas daquele exemplificado por V + Rápido e V + Ligeiro e, por fim, chegar no nível exemplificado por V + AA (classe X) e V + AA (classe Y). Essas classes, segundo nossos pressupostos teóricos, emergiriam das particularidades semânticas das construções mais concretas.

A análise qualitativo-interpretativa dos dados dos *corpora* permitiu que se procedesse a uma categorização semântica dos adjetivos adverbiais encontrados, resultando na representação em aglomerados presente no Apêndice 2. Para essa representação, levou-se em consideração a proximidade semântica entre elementos formalmente semelhantes, como Correr + Rápido e Construir + Rápido, e, em seguida, a proximidade entre elementos formalmente distintos, como Subir + Rápido e Ir + Ligeiro. Isso conduziu à identificação de aglomerados de adjetivos adverbiais que possuem em comum características de significado, compondo sete classes semânticas: RAPIDEZ (V + RÁPIDO, V + DEVAGAR, V + URGENTE E V + LIGEIRO), RETILINEARIDADE (V + DIRETOCONTINUIDADE, V + DIRETOLOCATIVO E V + CRUZADO), AVALIAÇÃO (V + DIREITO, V + CERTO, V + BONITO, V + LEGAL E V + ERRADO), INTENSIDADE (V + SÉRIO, V + LEGAL, V + FEIO, V + DURO, V + FIRME, V + MANEIRADO, V + VIOLENTO E V + BONITO), COMPLETUDE (V + DIREITO E V + CERTO), SEMELHANÇA (V + DIFERENTE E V + IGUAL) E GRANDEZA (V + ALTO, V + BAIXO, V + PEQUENO, V + GRANDE, V + PEQUENO E V + FUNDO). Assim dispostas, as classes semânticas estão em ordem decrescente de frequência, assim como cada exemplar em seu grupo.

Conforme já explicitado em 3.1, na subseção a seguir serão detalhados os microaglomerados de RAPIDEZ. Esse microaglomerado foi escolhido em virtude de apresentar o maior número de sequências.

4.2 Um exemplo: o *cluster* RAPIDEZ¹²

No *cluster* associado à semântica de rapidez, existem quatro adjetivos adverbiais ("rápido", "devagar", "urgente" e "ligeiro") e, o que é mais importante para os nossos propósitos, 32 sequências (CRESCER + RÁPIDO, CONGELAR + RÁPIDO, PASSAR + RÁPIDO, ABSORVER + RÁPIDO, ACABAR + RÁPIDO, ACONTECER + RÁPIDO, AGIR + RÁPIDO, APERTAR + RÁPIDO, APRENDER + RÁPIDO, ARROJAR-SE + RÁPIDO, CANSAR + RÁPIDO, COBRAR + RÁPIDO, CONSTRUIR + RÁPIDO, CORRER + RÁPIDO, ENCHER + RÁPIDO, FALAR + RÁPIDO, FAZER + RÁPIDO,

¹² RAPIDEZ é apenas um rótulo para essa concentração de exemplares. Idealmente, esse rótulo deveria capturar, de forma transparente, todas as propriedades semânticas que esses exemplares têm em comum. Como isso implicaria termos excessivamente longos para serem utilizados como etiquetas, decidiu-se por utilizar simplesmente o termo RAPIDEZ. A descrição das propriedades semânticas associadas a esse *cluster*, e consequentemente ao rótulo RAPIDEZ, será apresentada ao longo do texto.

IMPRIMIR + RÁPIDO, PEGAR + RÁPIDO, PENSAR + RÁPIDO, RECUPERAR + RÁPIDO, RESPONDER + RÁPIDO, SUBIR + RÁPIDO, TROCAR + RÁPIDO, IR + DEVAGAR, COLOCAR + DEVAGAR, EXPLICAR + DEVAGAR, LER + DEVAGAR, MEXER + DEVAGAR, ATENDER + URGENTE, RECLAMAR + URGENTE e IR + LIGEIRO). A análise qualitativo-interpretativa sugeriu que essas 32 sequências podem ser organizadas em cinco microaglomerados distintos, os quais passamos a descrever.

É possível observar que sequências como CRESCER + RÁPIDO e APRENDER + RÁPIDO designam a velocidade de realização de um evento, isto é, a primeira denota um evento de crescimento que ocorre em alta velocidade, da mesma maneira que o segundo denota um evento de aprendizado que se dá em alta velocidade. Isso pode ser visto, por exemplo, nos seguintes dados:

- (1) Quando eles eram crianças, a gente reclamava porque era pequeno, dependia do banho, dependia de tudo de mim, então eu tinha aquele desejo de eles **crecerem rápido**. (Museu da Pessoa)
- (2) Então, o sujeito absorve rápido, **aprende rápido** e bota em execução, de observar o outro trabalhar, né? (Museu da Pessoa)

Em nossa análise, encontramos 28 sequências que se ajustam a essa interpretação semântica, a saber: CRESCER + RÁPIDO, CONGELAR + RÁPIDO, PASSAR + RÁPIDO, ABSORVER + RÁPIDO, ACABAR + RÁPIDO, ACONTECER + RÁPIDO, APRENDER + RÁPIDO, ARROJAR-SE + RÁPIDO, COBRAR + RÁPIDO, CONSTRUIR + RÁPIDO, CORRER + RÁPIDO, ENCHER + RÁPIDO, FALAR + RÁPIDO, FAZER + RÁPIDO, IMPRIMIR + RÁPIDO, RECUPERAR + RÁPIDO, SUBIR + RÁPIDO, TROCAR + RÁPIDO, IR + DEVAGAR, COLOCAR + DEVAGAR, EXPLICAR + DEVAGAR, LER + DEVAGAR, MEXER + DEVAGAR e IR + LIGEIRO. À luz da Teoria dos Exemplares, esse conjunto de sequências pode ser representado da seguinte maneira:

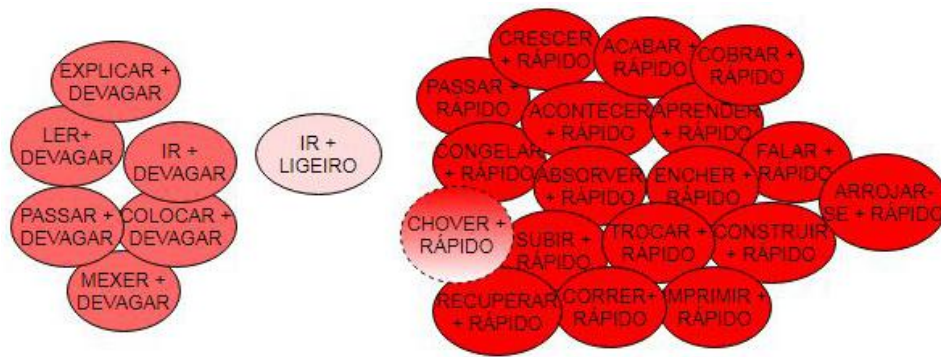


Figura 5: Representação por cluster de sequências de rapidez pela velocidade.

No entanto, nem sempre sequências formalmente parecidas indicam a velocidade de realização do evento, como mostra o exemplo abaixo:

(3) Fala rápido. (Museu da Pessoa)

Em (3), o adjetivo adverbial pode indicar tanto a velocidade do evento (isto é, o fato de que uma pessoa, ao se expressar, o faz em alta velocidade elocutiva) quanto o grau de imediaticidade do evento de fala (isto é, o fato de que o indivíduo reage prontamente a um estímulo, como, por exemplo, uma pergunta).

Essa noção de imediaticidade encontra-se em seis sequências formalmente semelhantes a FALAR + RÁPIDO – a saber, RESPONDER + RÁPIDO, AGIR + RÁPIDO, PENSAR + RÁPIDO, PEGAR + RÁPIDO, APERTAR + RÁPIDO e CANSAR + RÁPIDO – mas também em outras duas formas que, embora distintas, designam a mesma ideia de rapidez de reação a um evento: “ATENDER + URGENTE” e “RECLAMAR + URGENTE”. A ideia de imediatismo apresentada por tais sequências de V + AA leva a duas novas aglomerações de sequências:



Figura 6: Representação por cluster de sequências de rapidez por imediatismo.

Em suma, existem seqüências que designam a velocidade de realização de um determinado evento e seqüências que designam o grau de imediatismo da realização de um determinado evento. Apesar desses significados não serem iguais, é perceptível uma semelhança entre as duas definições: ambas evocam a ideia de que pouco tempo transcorreu entre dois pontos da linha do tempo. Especificamente, no primeiro caso, pouco tempo se passa entre o início e o fim de um evento; no segundo, pouco tempo se passa entre o fim de um evento-estímulo e o início de um evento-resposta. Essa semelhança é o que permite propor que todas as 32 seqüências analisadas nesta seção compõem uma única grande aglomeração, a qual levará à emergência de uma categoria mais abstrata (conforme veremos adiante).

Ao mesmo tempo, como se viu, mostramos que diferenças formais e também semânticas permitem dividir esse *cluster* em cinco microaglomerações. Na figura abaixo, elas estão reunidas em uma representação única:



Figura 7: Representação por cluster das seqüências de rapidez.

A diferença de significado que descrevemos acima leva ao polo semântico uma diversidade fundamental na família de construções: em um dos casos, os verbos devem designar eventos passíveis de serem realizados em diferentes velocidades e os advérbios adverbiais devem se referir ao grau de velocidade; no outro caso, os verbos devem designar de eventos passíveis de serem realizados imediatamente após um evento-estímulo (ou pelo

menos terem a possibilidade de se acomodarem a esse significado quanto inseridos nessas construções) e os adjetivos adverbiais devem se referir ao grau de imediatividade.

A estruturação do *cluster* acima – tanto no que diz respeito à sua unidade quanto no que tange às suas diferenças internas – aponta para a seguinte estrutura construcional hierárquica:

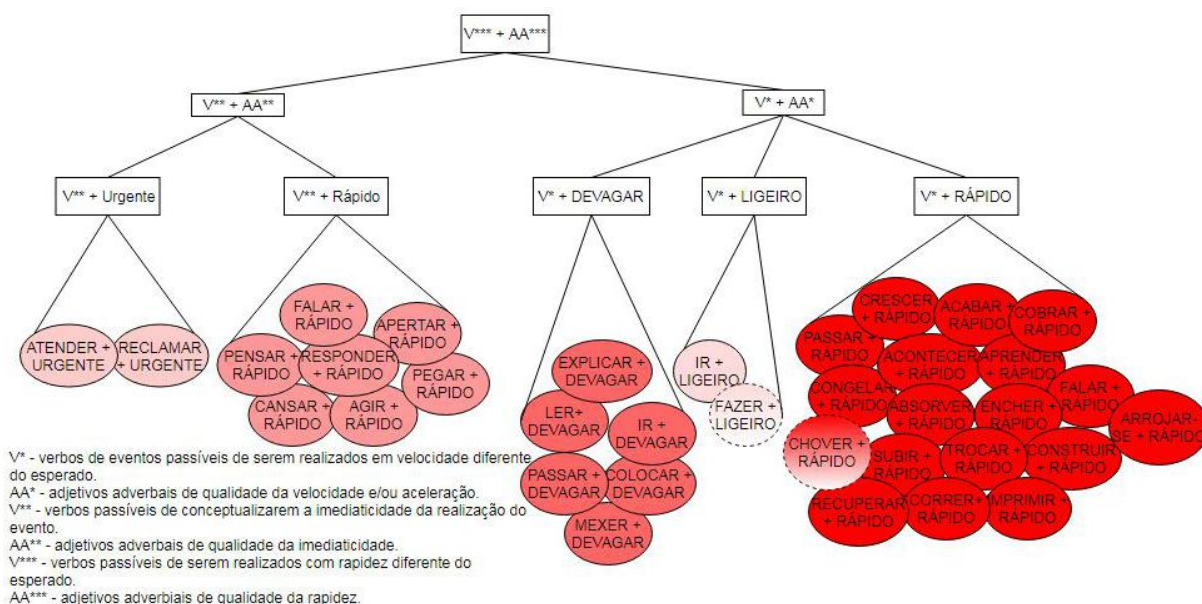


Figura 8: Representação hierárquica da família de construções de adjetivo adverbial de RAPIDEZ¹³

Conforme detalhado acima, a rede das construções de adjetivo adverbial de RAPIDEZ vai apresentar aglomerações (representadas pelo nível mais baixo da Figura 4) organizadas pela semelhança formal e semântica dos itens, e construções mais abstratas (representadas pelos níveis intermediários da Figura 4) que emergem a partir dos *clusters* de exemplares, capturando as semelhanças semânticas entre eles. Acima desse nível, existe uma construção ainda mais abstrata que captura as afinidades entre todas as construções de nível intermediário representadas imediatamente abaixo delas; essa construção está representada no nível mais alto da Figura 4.

Em suma, as sequências de adjetivos adverbiais que denotam rapidez, na verdade, se subdividem em dois subgrupos identificáveis com base em suas particularidades semânticas: o grupo associado à ideia de grau de imediatividade e o grupo associado à ideia de grau de velocidade, havendo, para o primeiro caso, verbos que constroem a conceptualização de

¹³ Os adjetivos adverbiais da subclasse de velocidade estão em caixa alta para ressaltar a diferença que esses têm em frente aos adjetivos adverbiais da subclasse de imediatividade.

imediatez da realização do evento e, para o segundo, verbos que denotam eventos passíveis de serem realizados em grau de velocidade determinado. Já os adjetivos adverbiais são qualificadores de imediatez (para o primeiro caso) e de velocidade (para o segundo). Ambos os grupos compreendem uma ideia mais genérica de rapidez.

No entanto, essa análise e esse resultado não explicam o fato de que alguns itens que, embora se encaixem nessas categorias, não são produtivos. Esse problema, que será discutido na seção a seguir, aponta para a necessidade de um experimento psicolinguístico que permita verificar se os agrupamentos semânticos aqui detalhados são psicologicamente reais.

4.3 Um problema

Frente à análise e aos resultados descritos anteriormente, conclui-se que deveriam ser produtivos como AAs os adjetivos que compartilham das particularidades semânticas detalhadas em 4.2. No entanto, não é o que vemos quando pensamos em adjetivos como “veloz”, “ágil” ou “lerdo”. Então, como explicar a impossibilidade de adjetivos que, embora se encaixem nas categorias semânticas identificadas, não podem ser utilizados nessa construção?

Abaixo estão algumas sentenças criadas que mostram a inaceitabilidade do uso desses adjetivos como advérbios. Alguns casos parecem até menos inaceitáveis que outros:

- (4) *Corre veloz independente do treino.
- (5) *Corre ágil independente do treino.
- (6) ?Corre lerdo independente do treino.

ou soam estranhos a alguns falantes apesar de serem dados autênticos de falantes nativos do PB, como:

- (7) ?Corre acelerado o processo de canonização [...] (Jornal Estadão)

Os julgamentos intuitivos apresentados em (4) a (7) levantam duas questões: (i) tais julgamentos correspondem de fato à intuição de falantes nativos do português brasileiro? e (ii) se sim, a inaceitabilidade se dá em virtude de um conhecimento gramatical (isto é, existência

de alguma característica semântica presente na CAA que impossibilita o uso de certos adjetivos) ou estatístico (isto é, alguma forma de supressão de certos AAs em função da quantidade nula ou mais baixa de experiência com eles)? Para verificar essas questões, torna-se necessário realizar um experimento psicolinguístico, que se encontra na próxima etapa do projeto no qual este estudo se insere.

4 CONCLUSÃO

Sob a perspectiva da Gramática de Construções Baseada no Uso e da Teoria dos Exemplos, esta pesquisa se propôs a iniciar a descrição da rede de construções do adjetivo adverbial do português brasileiro, com o objetivo último de verificar se existe ou não uma restrição semântica na CAA em comparação à CAC. Para tal, foi feita uma coleta de dados em quatro *corpora* online e, em seguida, uma análise qualitativo-interpretativa dos dados que veiculassem a semântica de rapidez para a formação de *clusters* de itens semanticamente semelhantes. A pesquisa postulou a existência de cinco aglomerações, das quais emerge uma construção que designa a velocidade da realização do evento e uma que designa a imediatividade da realização do evento. Por fim, essas duas se assemelham tanto pela presença de verbos que denotam eventos passíveis de serem realizados com diferentes níveis de velocidade quanto pela presença de adjetivos que graduam essa velocidade, formando então uma construção com essas características no polo do significado. Todos esses agrupamentos semânticos parecem apontar para uma confirmação da existência de classes semânticas restritivas na CAA; no entanto, a ausência de descrição e análise dos outros itens organizados em *clusters* semânticos impede de confirmar ou refutar definitivamente essa hipótese, apontando apenas o caminho para tal.

Este trabalho salientou uma análise da CAA focada na semântica da construção como um todo integrado, isto é, analisando simultaneamente a contribuição do verbo e do item adverbial. Ao fazê-lo segundo a ótica da Teoria dos Exemplos, sugerimos que esta pode fornecer ferramentas fundamentais para a pesquisa em Gramática de Construções Baseada no Uso. Tendo bastante clara essa teoria, as análises na GCBU provavelmente vão caminhar na direção dos níveis mais baixos da rede construcional; dessa maneira, acreditamos que aspectos formais e funcionais poderão ser apreendidos mais ricamente do que normalmente têm sido.

No entanto, esses dois pontos não foram e não são suficientes para suprir todas as questões relativas aos advérbios qualitativos do português brasileiro. Como já dito, a escolha por descrever apenas um grupo de itens não permitiu confirmar ou refutar a nossa hipótese mais geral, assim como a não realização de um experimento com falantes nativos impediu de verificar a realidade psicológica das classes semânticas postuladas. E, por fim, a não comparação (ainda) com a Construção de Advérbio Canônico impossibilita de conjecturar, para além da nossa hipótese, sobre qualquer semelhança e/ou diferença entre ela e a CAA.

Como dito desde o início, esta pesquisa não pretendeu e nem pretende sanar todos os mistérios que cercam os adjetivos adverbiais. Com efeito, para suprir as lacunas apontadas no início deste trabalho, é necessário proceder a uma comparação efetiva entre todos os itens coletados, a fim de se chegar a uma análise completa para os AAs, realizar experimentos psicolinguísticos para compreender a realidade psicológica dos valores semânticos identificados e, por fim, confrontar a CAA com a CAC. Estes são os desdobramentos que enxergamos para a continuação desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. **Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos**: um estudo sobre os adjetivos adverbializados. Dissertação (Mestrado em Linguística). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- BYBEE, J. **From usage to grammar**: The mind's response to repetition. *Language* 82, no. 4, p.: 711-733. 2005.
- BYBEE, J; EDDINGTON, D. **A usage based approach to Spanish verbs of 'becoming'**. *Language* 82. p. 323-355. 2006.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. Usage-based theory and exemplar representation. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.) **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 49-69.
- CAMPOS, J. L. de. **A gramaticalização da construção Xmente**: uma história do latim ao português. 2013. 116f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- CAMPOS, J. L. de. **A competição entre [verbo ADJETIVO ADVERBIAL] e [verbo XMENTE] na rede construcional qualitativa do português brasileiro**: uma análise centrada no uso. 2019. 148f. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- CHOMSKY, N. **Estruturas sintáticas**. São Paulo: Vozes, 2015.
- CROFT, W; CRUSE, D. A. **Cognitive linguistics**. Cambridge: CUP, 2004.
- DIESSEL, Holger. Usage-based construction grammar. In: DABROWSKA, Ewa; DIVJAK, Dagmar (eds.). **Handbook of Cognitive Linguistics**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.
- EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive linguistics**: An introduction. Edinburgh: University Press, 2006.
- FILLMORE, C. J. **Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction**. Proceedings of the 11th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 1985. pp. 73-86.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, C. **Regularity and idiomaticity in grammatical constructions**: the case of let alone. *Language*, 63, 3, 1988. pp. 501-538.

FOLTRAN, M. J. G. D. A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e de eventos. **Revista Letras**, n. 81, maio/ago. Curitiba: Editora UFPR, 2010, p 157-176.

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. **Constructions**: a new theoretical approach to language. **TRENDS in Cognitive Sciences**, 7,5, 2003. pp. 219-224.

GOLDBERG, A. E. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. New York: Oxford University Press, 2006.

GOLDBERG, A. E. Constructionist Approaches to Language. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.) **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. New York: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

GUIMARÃES, M. **Fundamentos da teoria linguística de Chomsky**. São Paulo: Vozes, 2017.

HILPERT, M. **Construction Grammar and its Application to English**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2014.

HUMMEL, M. Considerações sobre os Tipos Ela Fala Esquisito e Ela Chega Cansada no Português Coloquial e Literário do Brasil e de Portugal. **Confluência**, revista do Instituto de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 2002.

HUMMEL, M. A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica. **Actas do Sexto Congresso da AIL - Associação Internacional de Lusitanistas**. (Rio de Janeiro, 08 a 13 de agosto de 1999), http://www.geocities.com/ail_br/ail.html. 2003.

HUMMEL, M. Sincronía y diacronía de los llamados adjetivos adverbializados y de los adverbios en -mente. **Anuario de Letras**. Lingüística y Filología (Universidad Nacional Autónoma de México) I, 2, 2013a, p. 215-281.

HUMMEL, M. Attribution in Romance: Reconstructing the oral and the written tradition. **Folia Linguistica Historica**, 34, 2013b.

JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization. In: JOHNSON; MULLENNIX (eds.) **Talker Variability in Speech Processing**. San Diego: Academic Press, 1996.

KAY, P.; FILLMORE, C. J. **Grammatical constructions and linguistic generalization**: The What's X doing Y construction. *Language*, 75, 1999. pp. 1-33.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: University Press, 1987.

LAMBRECHT, K. **“What, me worry?” – ‘Mad Magazine Sentences’ revisited**. Proceedings of the 16th Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society, 1990. pp. 215-228.

LOBATO, L. M. P. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões de variação e da mudança linguística. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.). **Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil**: uma homenagem acadêmica. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 219-241.

MORAES PINTO, D. C. de. **Gramaticalização e ordenação nos advérbios qualitativos e modalizadores em -mente**. Tese (Doutorado em Linguística), Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. **Frequency effects and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. In: ALVARO, P. T.; FERRARI, L. (Orgs.). **Linguística Cognitiva**: dos bastidores da cognição à linguagem. Campos: Brasil Multicultural, 2016.

SANTOS, M. C. P. C. dos. **Semiprodutividade construcional**: uma investigação empírica sobre as Construções de Adjetivo Adverbial e de Advérbio Canônico do inglês norte-americano. 2018. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

TIRADENTES, R. P. **A construção com adjetivo adverbial**: investigando sua configuração no português brasileiro no século XX. 2018. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

VIRGÍNIO, V. T. A. **Investigando a semiprodutividade construcional**: o caso da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do português brasileiro. 2016. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VIRGÍNIO, V. T. A. **A pragmática inerente das construções gramaticais**: comparando adjetivos adverbiais e advérbios em -mente do português brasileiro. 2018. 134f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

APÊNDICE

Lista de ocorrências de sequências [V+ AA]

V + AA	CORPUS BRASILEIRO	MUSEU DA PESSOA	AMOSTRA -NILC	C-ORAL BRASIL	TOTAL
IR + DIRETO(l)	4	4		8	16
IR + DEVAGAR		3	1	2	6
SABER + DIREITO		5		1	6
CRESCER + RÁPIDO		2	1	1	4
PASSAR + DIRETO	1			3	4
CONGELAR + RÁPIDO				3	3
FALAR + ALTO		1		2	3
FALAR + SÉRIO				3	3
PASSAR + RÁPIDO		2		1	3
VIR + DIRETO		2		1	3
AGIR + CERTO	1	1			2
CABER + CERTO		2			2
CUIDAR + DIREITO				2	2
ENTENDER + DIREITO				2	2
ENTRAR + DIRETO	2				2
FAZER + DIREITO		1		1	2
FUNCIONAR + DIREITO				2	2
INVESTIR + SÉRIO		2			2
IR + DIRETO(c)		2			2
OLHAR + DIREITO		2			2
PENSAR + DIFERENTE	2				2
SAIR + DIREITO		1		1	2
SAIR + FÁCIL				2	2
SEGUIR + DIRETO				2	2
VER + DIRETO				2	2
ABSORVER + RÁPIDO		1			1
ACABAR + RÁPIDO				1	1
ACERTAR + DIREITO				1	1
ACHAR + FÁCIL				1	1
ACONTECER + RÁPIDO		1			1
AGIR + DIFERENTE		1			1
AGIR + RÁPIDO			1		1
AGUENTAR + FIRME		1			1
APERTAR + RÁPIDO	1				1

APRENDER + RÁPIDO		1			1
ARROJAR-SE + RÁPIDO			1		1
ARROJAR-SE + VIOLENTO			1		1
ARRUMAR + BONITO				1	1
ARRUMAR + DIREITO				1	1
ATENDER + URGENTE		1			1
BOTAR + BONITO		1			1
BRIGAR + DIRETO		1			1
CAIR + DIRETO				1	1
CANSAR + RÁPIDO				1	1
CANTAR + DIREITO				1	1
CANTAR + LEGAL		1			1
CHORAR + FORTE			1		1
CHUTAR + CRUZADO	1				1
COBRAR + RÁPIDO		1			1
COLOCAR + DEVAGAR				1	1
COMBINAR + FÁCIL				1	1
COMER + DIRETO		1			1
COMPORTAR-SE + DIFERENTE		1			1
CONSTRUIR + RÁPIDO				1	1
CONTAR + BAIXO		1			1
CONTAR + CERTO		1			1
CORRER + RÁPIDO				1	1
CORTAR + BONITO				1	1
DETERIORAR + FÁCIL				1	1
DORMIR + DIREITO			1		1
ENCHER + RÁPIDO				1	1
ENROLAR + LEGAL	1				1
ERGUER + ALTO		1			1
ERRAR + FEIO	1				1
ESCOLHER + DIRETO				1	1
ESCREVER + CERTO				1	1
EXPLICAR + DEVAGAR	1				1
EXPLICAR + DIREITO				1	1
FALAR + DIREITO		1			1
FALAR + ERRADO				1	1
FALAR + GROSSO			1		1
FALAR + RÁPIDO		1			1
FAZER + BONITO				1	1

FAZER + CERTO				1	1
FAZER + IGUAL		1			1
FAZER + RÁPIDO		1			1
FICAR + DIRETO		1			1
FUNCIONAR + BONITO		1			1
GOLPEAR + DURO			1		1
IMPRIMIR + RÁPIDO		1			1
INSERIR + CERTO				1	1
INSERIR + DIREITO				1	1
INSISTIR + DIFERENTE		1			1
IR + DIREITO				1	1
IR + LIGEIRO		1			1
JOGAR + DIRETO				1	1
JOGAR + DURO			1		1
JOGAR + FORTE				1	1
JOGAR + MANEIRADO		1			1
LEMBRAR + CERTO		1			1
LEMBRAR + DIREITO		1			1
LER + DEVAGAR		1			1
LIGAR + DIRETO				1	1
MEXER + DEVAGAR	1				1
MEXER + DIREITO				1	1
MEXER + FÁCIL				1	1
NAMORAR + SÉRIO		1			1
OLHAR + DIFERENTE		1			1
PASSAR + FÁCIL	1				1
PEDIR + BONITO				1	1
PEGAR + DIREITO		1			1
PEGAR + FEIO		1			1
PEGAR + LEGAL				1	1
PEGAR + RÁPIDO				1	1
PEGAR + SÉRIO				1	1
PENSAR + GRANDE	1				1
PENSAR + PEQUENO	1				1
PENSAR + RÁPIDO	1				1
RECLAMAR + URGENTE	1				1
RECUPERAR + DIREITO				1	1
RECUPERAR + RÁPIDO				1	1
RELACIONAR-SE + LEGAL		1			1
RESPIRAR + FUNDO	1				1

RESPONDER + RÁPIDO	1				1
SAIR + LEGAL		1			1
SUBIR + RÁPIDO	1				1
TOCAR + DIRETO				1	1
TRABALHAR + DIRETO				1	1
TRABALHAR + DIREITO		1			1
TROCAR + RÁPIDO		1			1
VENCER + FÁCIL	1				1
VENDER + DIRETO		1			1
VER + DIFERENTE				1	1
VER + DIREITO		1			1
VIR + FÁCIL		1			1
VOAR + BAIXO				1	1
VOTAR + DIFERENTE		1			1
	25	70	10	78	183

